

O HERÓI ESPERTO NAS NARRATIVAS ORAIS SENA

ANTÓNIO TEODORO MIGUEL NDAPASSOA

Trabalho de projecto
Licenciatura em Linguística
Supervisao: Prof. Dr. Lourenço do Rosário

Departamento de Letras Modernas
Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, 1998

398.1 (679)
N 337 h 04

F. LETRAS U.E.M.	
R. E.	27/1/98
DATA	17/fever/100
AQUISIÇÃO	Oferta
COTA	LT-70

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicado no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

F. LETRAS U.E.M.	
R. E.	_____
DATA	____/____/____
AQUISIÇÃO	_____
COTA	_____

O HERÓI ESPERTO NAS NARRATIVAS ORAIS SENA

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane.

SINOPSE

No nosso trabalho iremos nos concentrar na análise de narrativas de tradição oral. As narrativas foram recolhidas na comunidade etno-linguística Sena. A comunidade em apreço habita o chamado Vale do Baixo Zambeze, situado na região central de Moçambique. As narrativas que constituem o corpus foram, em grande parte, recolhidas por um investigador austriaco em colaboração com moçambicanos.

As narrativas serão analisadas utilizando o modelo teórico proposto por Lourenço do Rosário, na sua Tese de Doutoramento, que por sua vez se apoia grandemente, entre outros autores, em Vladimir Propp e Denise Paulme.

No final do trabalho projectamos apresentar um esquema das relações que possam existir entre a natureza mórfica dos róis espertos-vitoriosos e a do prémio que lhes é atribuído.

Dedico este trabalho aos meus amigos e a todos aqueles que se interessam pela literatura.

Agradecimentos especiais para os que, consciente ou inconscientemente, contribuíram para que este trabalho fosse o que é. Ao meu supervisor, Prof. Dr. Lourenço do Rosário, o meu agradecimento muito particular.

Para tal identificaremos e descreveremos, previamente, as estratégias de que os heróis espertos-vitoriosos se servem para levar de vencida os outros personagens com que interagem na história e as relações que possam existir com a natureza do prémio que recebem como reconhecimento ou agradecimento pela acção realizada.

SUMÁRIO

I. Introdução

1. Delimitação do objecto
2. Objectivos
3. Apresentação de hipóteses
4. Justificação

II. Grupo etno-linguístico

1. Localização
2. História e Língua
 - 2.1. História
 - 2.2. Língua

III. O corpus

IV. Classificação das narrativas

V. 1. Análise de dados.

VI. Conclusão

VII. Resumo das narrativas

VIII. Bibliografia

O HERÓI ESPERTO NAS NARRATIVAS ORAIS SENA

I.1. Delimitação do objecto

Vamos nesse texto trabalhar sobre narrativas de tradição oral da comunidade etno-linguística Sena, localizada no Vale do Baixo Zambeze.

Utilizaremos o termo Narrativa pretendendo significar contos, lendas e mitos, de forma indistinta. Isto embora saibamos que tais expressões têm constituído mote para cíclicas polémicas entre os teorizadores da área.

O tema que escolhemos encontra espaço e inserção no campo dos estudos literários e, particularmente, nas pesquisas sobre a chamada Literatura de tradição oral.

Pretendemos com o trabalho analisar alguns aspectos da tradição oral da comunidade etno-linguística Sena. Nomeadamente, trabalharemos sobre algumas narrativas recolhidas entre falantes da comunidade etno-linguística de que temos vindo a falar. Como explicaremos com mais pormenor no próximo ponto deste trabalho, incidiremos a nossa análise sobre um personagem-tipo, no caso, o herói esperto(vitorioso).

Julgamos que, a seu tempo, os estudiosos da área, mas não só, farão uso e aproveitamento do que aqui vamos discutir, para que em conjunto com trabalhos de maior fôlego se compreendam e se estudem com mais propriedade os mais diversos fenómenos sociais das diversas comunidades etno-linguísticas que compõem o mosaico cultural moçambicano, particularmente a sena.

I.2. OBJECTIVOS

Projectamos no final deste trabalho apresentar uma sistematização das relações que possam existir entre as naturezas: 1- mórfica dos heróis espertos-vitoriosos e 2- do prémio que aqueles recebem como resultado da acção por eles realizada na história.

Para concretizar este objectivo analisaremos previamente o percurso da categoria narrativa em estudo nas histórias em que tomam parte, particularmente as estratégias de que se servem para vencerem os outros personagens ou saírem vitoriosos das situações em que se envolvem. Esta análise permitir-nos-á identificar, descrever e classificar as características mais relevantes pretendidas, cuja sistematização constituirá a base para satisfação dos objectivos perseguidos.

I.3. APRESENTAÇÃO DE HIPÓTESES

Os heróis espertos-vitoriosos nas narrativas que analisaremos podem ser humanos ou não. Uns e outros caracterizam-se por no início do conto viverem uma situação de carência ou, pelo menos, pouco favorável. Através de artimanhas, ciladas e até mesmo de pura coragem ou sorte, os heróis espertos-vitoriosos ultrapassam as aludidas dificuldades, ludibriando os seus pares, vencendo-os sempre.

Os heróis espertos-vitoriosos não humanos- na tradição Sena é o coelho- mais pequenos e fracos, saíem sempre vitoriosos das

situações em que estejam envolvidos, como aliás referimos a bem pouco tempo. Para alcançarem a vitória pregam partidas ou traem claramente os outros animais (maiores e mais estúpidos).

Sendo que o nosso objectivo é ver como funciona a relação natureza mórfica do herói esperto-vitorioso | natureza do prémio atribuído ao personagem referido, assumimos a priori que:

1. se o herói esperto-vitorioso é animal do mato, o prémio será do tipo X;
2. se o herói esperto-vitorioso é humano, o prémio será do tipo Y;

considerando que x e y representam realidades "materiais" diferentes e, mas não necessariamente, de valor cultural e social igualmente diferente. Exemplificando: os heróis espertos-vitoriosos humanos são brindados com casamento com a filha mais bela da região onde decorre a acção; com a filha do chefe da comunidade ou com a rapariga protagonista na narrativa. Sendo esta filha de soberanos, o herói assume uma estatura mais próxima do poder em exercício e, por via disso, ele também passa a fazer parte do "poder". Por sua vez os heróis espertos-vitoriosos não humanos também podem ser agraciados com casamento. Mas será mais frequente receberem dinheiro, bens valiosos e, principalmente, a amizade de um outro personagem, na história seu antagonista ou vítima de trapaça.

I. 4. JUSTIFICAÇÃO

Poderá parecer, para aqueles que não partilham o mesmo espaço académico que nós, pouco compreensível que um estudante de linguística se aventure por áreas aparentemente alheias, no caso a literatura.

Há vários motivos que explicam este nosso procedimento. Uma das razões tem a ver com o currículo adoptado para este curso que, além de matérias de Linguística, entendida no seu sentido mais tradicional, abarca ainda os domínios da Literatura e da comunicação social. Foi com base nesta premissa que nos permitimos ocupar com a Literatura.

Assim, o termos escolhido trabalhar sobre textos da Literatura Oral reduzidos a escrita satisfaz duas outras condições importantes. Devemos recordar que, até bem pouco tempo, o estudo da Literatura oral moçambicana não constituía preocupação imediata no universo académico nacional, seja por escassez de material escrito seja por outro tipo de razões, que passamos a abordar.

À este propósito, por exemplo, Fátima Mendonça afirma que¹ "o estudo da literatura Moçambicana enquanto sistema literário autónomo iniciou-se timidamente há dez anos. Mesmo assim, ela surge ainda, em vários centros universitários estrangeiros, integrada na Literatura portuguesa ou quando muito na(s) Literaturas(s) de Língua (expressão) Portuguesa."

¹MENDONÇA, Fátima; Literatura Moçambicana- A história e as Escritas; Faculdade de Letras e Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane; Maputo; 1989

Na mesma perspectiva Ana Maria Mão-de-Ferro ² diz que " É sobejamente conhecido o facto de neste país (Moçambique) a ficção nacional ter tido uma expressão relativamente tardia." Como exemplos cita O Livro da dor (João Albasine- 1925); Godido (João Dias- 1950). Também aqui fica claramente demonstrado que a transcrição para a escrita do material de natureza oral ainda não era prática sistematizada, o que provavelmente retirava algum interesse ao seu estudo.

Teria sido Orlando Mendes³ a mais ousadamente abordar o assunto, fornecendo indicação da sua preocupação em relação à ausência de material da literatura oral. Mendes torna claro que o substrato cultural que subjaz na produção literária em língua portuguesa em Moçambique tem os seus fundamentos na cultura mãe: a Bantu, de base oral, ponto de vista que poderá constituir um convite ao estudo da literatura de base oral.

Na sequência desta nova abordagem, podemos remontar ao fim do século passado e princípio do presente. Henri-Alexandre Junod⁴ brinda-nos com uma exemplar recolha de canções e contos Ronga. O trabalho consistiu numa colecção de uma quantidade apreciável de canções utilizadas nos mais variados momentos culturais da vida dos Ronga e de contos diversos. Na obra em referência Junod ensaia uma divisão e classificação dos contos. A classificação tem em conta a natureza dos personagens envolvidos (humanos ou

²MARTINHO; Ana Maria Mão-de-Ferro; Contos de África escritos por mulheres; Évora; 1994

³MENDES, Orlando; Sobre a Literatura Moçambicana; INLD; Maputo; 1980

⁴JUNOD- Henri-Alexandre; Cantos e contos dos Rongas; Ed. Instituto de Investigação Científica de Moçambique; Lourenço Marques; 1975

não e papões), e o tema-finalização das histórias. Neste trabalho, o autor, além da preocupação antológica, procura também compreender outros aspectos das canções e contos com que contactou, como, aliás, acabamos de referir.

Cobrindo o período imediatamente anterior e pós independência, José Pampalk, um padre branco de nacionalidade austríaca, efectuou uma recolha de aforismos, provérbios e narrativas orais da Comunidade Etno-linguística Sena, tendo traduzido parte dela posteriormente para, entre outras línguas, o português. O trabalho não chegou a ser publicado, embora a sua elaboração tenha sido interrompida numa fase muito adiantada.

Entre outros trabalhos do género, e para não alongar mais esta parte, podemos referir, de forma muito rápida, a colectânea "contos Moçambicanos" publicada em dois volumes⁵: um em 1978 e outro em 1979; Um e outro, colecção de contos orais, traduzidos para o português.

É sem dúvidas a partir de meados da década de 80 que os estudiosos da literatura oral moçambicana começam a privilegiar com mais assiduidade a análise de textos transcritos e traduzidos. Destacamos aqui a tese de Doutoramento de Lourenço de Rosário, publicada mais tarde em livro sob a chancela da Editora Angolê, em 1989.

Os factos que acima fomos arrolando indicam-nos que, mesmo apesar de ultimamente já estarem mais disponíveis textos transcritos e traduzidos da literatura oral, a bibliografia sobre a área, tanto de análise como de antologia, ainda não é muito expressiva.

⁵Contos Moçambicanos; INLD; Maputo; 1978/79

De entre as várias possibilidades investigativas que o tema Literatura oferece, preferimos optar pela análise de contos orais recolhidos entre a comunidade etno-linguística Sena. Esta opção tem a ver com o facto de falarmos, ainda que não com a desejada proficiência a língua original em que se apresenta grande parte do nosso corpus.

Mais objectivamente, terá influenciado a escolha deste tema o facto de dispormos de uma quantidade razoável de textos narrativos da Tradição Oral Sena que utilizaremos no trabalho que nos propomos realizar. A existência deste material desculpa-nos um não investimento, actualmente muito alto e nem sempre fácil, de busca, recolha e catalogação de material base.

II. GRUPO ETNO-LINGUÍSTICO

II.1 Localização

O grupo etno-linguístico Sena habita o chamado Vale do Baixo Zambeze. O que assim se designa situa-se numa região que vai do estreito de Lupata até a foz do rio Zambeze, no centro do País.

O território que denominamos de Baixo Zambeze é de pouca altitude e sem relevo. É irrigado quer pelas águas do próprio rio bem como pelos seus afluentes e pelas enúmeras lagoas existentes na zona resultantes das chuvas e das cheias.

O território é rico em agricultura, pesca e caça. Goza também de uma posição estratégica, não só pela navegabilidade do rio, como também porque foi e é uma marca natural que divide

Moçambique entre o norte e o sul. Isto do ponto de vista de organização social e da cultura tradicional, embora se reconheça a origem comum (bantu) dos vários grupos étnicos que tradicionalmente habitam Moçambique.

II.2 História e língua

II.2.1 História

Muitos são os pesquisadores que têm procurado afanosamente identificar a origem da comunidade Sena, particularmente, e das comunidades bantu, em geral, que habitam o território moçambicano.

O Vale e o Delta do Zambeze têm relações bastante estreitas com a divisão etno-cultural de Moçambique: não só ali se entrecrocavam duas organizações sócio-culturais (de raiz matrilinear no norte e patrilinear no sul) distintas como constituíram uma excelente via de penetração e, conseqüentemente, de fusão cultural para numerosos povos estrangeiros ⁶.

Tendo em conta estes pressupostos, R.I.F. de Freitas, citado por A. Rita-Ferreira, avança que os Sena derivam dos auxiliares nativos que acompanharam os Portugueses na sua progressão ao longo do Rio Zambeze.

Por seu lado, Black Thompson, um etnólogo, considera que os Sena seriam, provavelmente, descendentes dos indonésios, partindo de observações de certos hábitos e tradições que só se

⁶. RITA-FERREIRA, António; Povos de Moçambique; -história e cultura-Porto;1975.

encontram nesta região de Moçambique e são oriundos da Indonésia, onde ainda hoje se podem observar. Sobre este assunto Lourenço de Rosário mostra-se mais cauteloso ao afirmar que "os valores de origem oriental que existem na região servem apenas para confirmar o intenso contacto que agentes de diversas culturas tiveram por causa do rio, mas que não serve de base para refutar a origem basicamente bantu dos núcleos originários da região"⁷.

Por aquilo que aqui pusemos em confronto fica claro que é difícil defender, sem grandes riscos, e aqui mais uma vez nos socorremos de Lourenço de Rosário, se os padrões etno-culturais correspondem a uma apropriação ou a uma assimilação, ou a uma situação de aculturação ou se não se trata de simples resíduos de valores que se misturam com valores dos núcleos que chegaram a região antes de todos os outros povos.

II.2.2 LÍNGUA

O Sena faz parte de um grupo de línguas de origem bantu que se falam na zona do Vale do Zambeze e regiões circunvizinhas (Grupo N, Segundo Guthrie). Elas apresentam características linguísticas que permitem determinar o seu grande grau de parentesco. Muitos são os linguistas que apresentam como hipótese, sem grande risco, que o Cisená e o Cinyungwe

constituem línguas bastante aparentadas, senão mesmo variantes, que há muito tempo constituíram uma mesma unidade linguística falada pelos habitantes da região. O seu afastamento

⁷. ROSÁRIO, Lourenço da Costa; A narrativa africana de expressão oral; Luanda; 1985

mútuo tem a ver com influências de carácter histórico e geográfico: o Baixo e Médio Zambeze estão geograficamente separados pelo estreito de Lupata, estreito este que é também a fronteira natural das duas línguas- o Sena no Baixo Zambeze e o Nyungwe no Médio.

O fenómeno de inteligibilidade mútua que se verifica entre o Sena e o Nyungwe, dada a possibilidade de as duas comunidades etno-linguísticas derivarem de um mesmo tronco, é a expressão máxima de uma teoria que tem os seus fundamentos nos resultados da investigação efectuada por pesquisadores como Bleek e Meinhof, os quais falavam de uma língua bantu-mãe (portanto de uma única comunidade) que foi dissemelhando-se em menores e diferentes núcleos linguísticos como reflexo de uma expansão geográfica, que teve o seu ponto de partida na região dos grandes lagos.

A língua sena (N:44, na classificação de Guthrie) é falada num território vasto que se estende do estreito de Lupata a foz do rio Zambeze. Apesar de constituir uma unidade linguística bastante regular, certos autores⁸ identificam algumas variações que, no seu entender, vão formar unidades dialectais, tendo como referência o Sena phodzo :

a) Sena Tonga: falada no norte e centro de Sofala e nos limites com Tete e Zambézia;

b) Sena Care : Província de Tete e possivelmente na Zambézia;

c) Sena Bangwe: Zona da Beira

⁸I Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas; NELIMO-Faculdade de Letras-UEM; Maputo;1989

d) Sena Phodzo: entre Sofala e Zambézia (de Marromeu até Chinde) e Mopiea (na Zambézia);

e) Sena Gombe:na parte litoral da Zambézia, Cheringoma Dondo,Mutarara,Chemba,Caia e Nyamatanda

III. O Corpus

As narrativas que iremos analisar foram recolhidas na comunidade etno-linguística Sena. A comunidade Sena habita o chamado Vale do Baixo Zambeze, localizado na região central de Moçambique.

Guiados pelos objectivos que pretendemos alcançar neste trabalho, entendemos ser necessário definir com precisão o campo geográfico de recolha do material com que trabalharemos. A este respeito Propp defende que "não é necessário reunir todos os contos (...), narrativas de todas as regiões, pois, se os fenómenos estudados se repetem, o corpus, e as regiões onde ele é recolhido, pode(m) ser limitado(s). Afinal, o que conta é a qualidade do estudo⁹".

O nosso corpus é constituído por pouco mais de uma dezena de narrativas diferentes uma das outras, havendo, porém, algumas que representam variantes.

Na sua maior parte, os textos do nosso corpus foram recolhidos na década de oitenta, na região da cidade da Beira e alguns distritos de Sofala e Tete onde a língua é falada

⁹PROPP,Vladimir- A morfologia do conto; Lisboa;1985

nativamente. Os textos foram recolhidos por um investigador austríaco. Actualmente muitos dos tais textos apresentam-se sob forma escrita, em língua Sena. Por essa razão foi necessário proceder à sua tradução para a língua Portuguesa. Nesta tarefa fomos auxiliados por Miguel Ndapassoa, pessoa que domina com reconhecida competência a língua originária dos contos e que participou na recolha dos mesmos.

Alguns partes do corpus foi extraída de outras colectâneas, nomeadamente: tese de Doutoramento de Lourenço do Rosário ¹⁰ e algumas outras não publicadas¹¹.

IV. CLASSIFICAÇÃO DAS NARRATIVAS

Por razões que se prendem ao perfil que definimos para o nosso trabalho, e por se nos parecer aquele que melhor se adapta à metodologia que seguiremos, vamos-nos guiar, no que toca à classificação das narrativas, pelo modelo utilizado por Lourenço do Rosário na sua tese de doutoramento. Isto embora possamos, sempre que se justificar, fazer recurso a outros suportes teóricos. Em tais casos faremos a devida indicação.

A classificação das narrativas é o pressuposto básico para avançarmos para as tarefas que nos propomos realizar. Porém o capítulo relativo à classificação não é pacífico nem consensual.

¹⁰ROSÁRIO, Lourenço da Costa; A narrativa Africana de expressão oral; Angolê; Luanda; 1985

¹¹Colectâneas de contos publicados por um grupo de seminaristas de origem Sena residente na então Lourenço Marques, hoje Maputo

Propp, por exemplo, dicotomiza a questão e analisa-a tendo em conta narrativas míticas e outras sobre costumes. Por seu turno V.F Miller, avança uma classificação na qual prevê três categorias de narrativas: contos maravilhosos, contos de costume e contos sobre animais.

Muitos outros modelos de classificação foram ventilados. Citada por Lourenço do Rosário, Denise Paulme sustenta uma classificação dos contos baseando-se nos seus contornos temáticos e estruturais. Esta proposta assume-se muito interessante pelo facto de, uma vez que a tradição classificatória já privilegiava o recorte temático (vejam-se por exemplo as classificações de Wundt e Aarne-Thompson), Denise Paulme pôr em consideração o aspecto estrutural. Este facto por si não resolve a dificuldade que, aparentemente, e durante muito tempo, os teorizadores experimentaram, mas aproveita de forma salutar as imensas e muito valiosas aproximações que consagravam o assunto-tema como item basilar. Com efeito, o conto, e qualquer outra narrativa, é analisável e categorizável dissecando e considerando, descritivamente, o seu assunto e a estrutura que suporta a realização do texto.

Depois desta pequena digressão por algumas percepções à volta da classificação, interessa agora abordar de forma mais particular o quadro classificatório que utilizaremos neste trabalho.

Agruparemos as narrativas, e isto na esteira do que

vinhamos discutindo, segundo dois critérios. Primeiro: privilegiaremos a natureza morfológica tendo em conta as suas semelhanças estruturais. Segundo: focalizando o tema e a configuração das personagens. Relativamente ao último aspecto, laboraremos com um grupo de narrativas, contemplando heróis espertos humanos ou não com as seguintes características:

a. animais pequenos representando um papel antropomórfico, que, pela sua natureza, vencem a força bruta de outros animais maiores e mais estúpidos;

b. pessoas que intrujando ou mentido aos seus pares, levam a melhor sobre os mesmos nas histórias em que tomam parte.

Quanto ao primeiro critério, as narrativas serão identificadas como ascendentes quando terminem bem e com um prémio ao herói, considerando que a situação inicial tenha sido de carências; descendentes, quando tudo se processa de forma inversa a do primeiro caso. É claro que nos interessam apenas as narrativas do primeiro tipo.

Deste modo, julgamos ter estabelecido as balizas que utilizamos na definição do corpus. Trata-se, como já vimos, de um conjunto de narrativas que, quanto à natureza temática apresentam personagens (humanas ou não) que partindo de uma situação de carência tornam-se heróis ou vencedores no fim da narrativa, utilizando para tal a esperteza, conquistando assim um prémio.

V. ANÁLISE DE DADOS

Propp afirma que no estudo do conto, a questão de saber o que fazem os personagens é a única que importa, relegando, desta maneira, a compreensão da natureza e particularidades desse mesmo personagem bem como a análise da acção, para um lugar menos importante.

Esta perspectiva, assumidamente formalista, é contestada por Lourenço do Rosário. Do Rosário entende que o método avançado por Propp e outros formalistas acabaria por ser vítima das suas próprias limitações, quando, por exemplo, confrontado com um corpus mais heterogéneo que o utilizado por Propp. Aliás, e citando, mais uma vez Lourenço do Rosário, " Temos para nós que (...) o seu (das narrativas) conteúdo não circula de maneira nenhuma independente e arbitrariamente dentro desse mesmo esquema." E como Brémond, não recusando o esquema estrutural abstracto, como matriz, preferimos partir para uma análise da narrativa tendo como alvo outros elementos, não constantes como referem os formalistas, que se apresentam variáveis e alternativos como sejam as respostas às questões "o que " e "como" os personagens fazem nas histórias das narrativas.

Vimos que a escola formalista separa os elementos estruturais das narrativas em constantes e variáveis, e que nas suas análises privilegia o estudo dos primeiros, criando desta maneira uma grande restrição, primeiro à própria teoria, segundo, a possibilidade de um estudo que permita colher

resultados animadores não só da forma, mas também do conteúdo e da articulação entre estes dois aspectos, que, como diz Lourenço do Rosário, dão um sentido cultural e etnográfico à narrativa " porque é a partir deles que reconhecemos as marcas da colectividade que produz as narrativas."

Deixamos claro que o nosso corpus foi organizado tendo em conta dois indicadores centrais: a natureza dos heróis e o tipo de histórias em que tomam parte. Por outras palavras, vamos apenas trabalhar com narrativas morfologicamente do tipo ascendente, em que os heróis, humanos ou não, fazendo uso da inteligência e da astúcia, sejam, portanto, espertos, que vivam uma situação de carência ou dificuldade no início, e triunfam no fim, conquistando um prémio.

1. Situação inicial

A hiena e o coelho eram amigos e pretendiam casar com a mesma rapariga.

2. Perturbação/Apresentação de provas

Para optar pelo coelho, a rapariga pretendida exigiu que este provasse que a hiena era sua serviçal.

3. Estrategema para superação da prova

No dia em que a hiena ia apresentar-se aos pais da rapariga, o coelho- o padrinho da hiena- fingiu-se doente e convenceu a hiena a transportá-lo no colo.

4. Resolução/Realização da prova

O coelho chegou a casa da noiva da hiena (e dele também) montado no dorso da hiena, como se esta fosse sua serviçal.

5. situação final

O coelho, por ter cumprido a promessa que fizera de se fazer transportar no dorso da hiena, foi aceite como genro da casa, casando com a rapariga.

Por estarmos a operar com poucos indicadores morfológicos e temáticos não criaremos um código especial para identificação das narrativas. Quando muito vamos agrupar as narrativas em subcategorias de acordo com o paradigma temático-antropológico que exibam. Assim, teremos um grupo de narrativas de histórias de animais ditos do mato e outro cujos heróis sejam humanos.

O quadro que a seguir introduziremos é o resultado da desmontagem estrutural das narrativas do nosso corpus. Através dele poderemos visualizar de forma clara os elementos que constituem a base para realizarmos a tarefa final deste nosso trabalho (apresentar um esquema das relações que possam existir entre a natureza mórfica dos heróis espertos e a do prémio que lhes é atribuído como resultado das suas acções, por via

comparativa). Como já teremos indicado previamente, tais elementos dividem-se em estruturais e temáticos.

As narrativas descrevem-nos uma amizade inicial. Mas às vezes pode haver variação. Assim, em vez de no início da história apresentar-se uma situação em que o coelho e o macaco sejam amigos, por exemplo, pode dar-se o caso de haver uma coincidência de objectivos (o coelho e a hiena pretendiam casar com a mesma rapariga). Nas histórias em que apenas intervem personagens humanos, pode também acontecer que o herói esperto surja logo no início como um finório, um aldrabão declarado, cujo objectivo expresso é enriquecer, conseguir, enganando os seus parceiros. Com esta explicação pretendemos justificar ligeiras diferenças que poderemos encontrar na dissecação das estruturas das narrativas do nosso corpus. Contudo, todas elas apresentam basicamente os mesmos estados de transformação, que podem ser de forma mais geral referidos como apresentando uma situação inicial e uma final, e entre as duas a intriga.

RESUMO DA NARRATIVA

O COELHO E O LEÃO

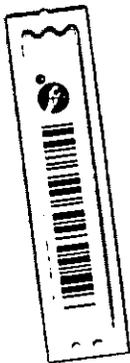
Há muito, muito, tempo, o coelho e o leão eram muito amigos. Um dia, o coelho precisava de dinheiro e não sabia a quem pedir. Lembrou-se então do seu amigo leão. O coelho foi a casa do leão e pediu-lhe dinheiro emprestado." Eu sei que nós

somos muitos amigos; mas também toda a gente sabes que és muito aldrabão. Por isso, mesmo que pudesse, não te vou ajudar" - Disse o leão. Mas o coelho tanto insistiu, alegando que tinha a irmã doente e que depois que tivesse resolvido o infortúnio, faria logo a devolução do dinheiro. Caso não o fizesse o leão podia comer-lhe e à sua família.

Passados os meses combinados, e como o coelho não devolvesse o dinheiro, o leão enviou o seu sobrinho para fazer a cobrança. Quando o sobrinho do leão chegou à casa do coelho, este fingiu-se doente e começou a contorcer-se de dores. "Tio coelho - disse o sobrinho do leão - o meu tio mandou-me vir perguntar quando é que havia de lhe devolver o dinheiro que lhe deve." O coelho no meio de queixumes respondeu dizendo que nada podia fazer pois, depois da irmã, ele também ficara doente, mas que logo que ficasse um pouco melhor faria um esforço para arranjar o dinheiro.

Muitos tempo passou sem que o coelho se anunciasse. Um dia, o coelho fez-se à casa do leão. Ali chegado, tentou desculpar-se, mas o leão que já o conhecia não quis ouvir as desculpas do amigo, avisando-o de que conforme o combinado, podia comê-lo à qualquer altura pois, começavam a escassear bichos na região. "Afinal o seu problema é fome? Eu conheço um lugar aqui perto, que é o sítio para onde fugiram todos os animais desta região que tinham medo de si" disse o coelho, que se propôs acompanhar o leão, como pagamento da dívida. Mas para que os bichos não se assustassem e fugissem com medo do leão,

este devia deitar-se de barriga e focinho para o ar, fingindo-se morto. Só assim os outros animais não ficariam assustados. No dia seguinte, e conforme o combinado, o leão deitou-se de barriga para o ar, fingindo-se morto. Os outros animais ao verem o leão naquela posição ficaram muito satisfeito e puseram-se a festejar o facto. De repente, o leão levantou-se e espalhou-se patadas por todo o lado, matando muitos animais. Desde esse dia até hoje, o leão e o coelho voltaram a ficar muito amigos e a dívida ficou-lhe perdoada.



Quadro n.º 0
O Coelho e Hiena

FUNÇÕES		MOTIVO TEMÁTICO	
SEQUÊNCIA	Textuais	ESTADO	ACÇÃO/actualização narrativa
Situação inicial	Carência	O coelho estava aflito: Precিসava de dinheiro	O coelho e o leão eram muito amigos. O coelho foi pedir emprestado dinheiro ao leão
Perturbação	Negociação	Promessa do coelho de pagar a dívida ao leão em troca da própria vida	O coelho prometeu ao leão que caso não lhe pagasse a dívida este poderia comê-lo
Estrategema para ultrapassagem da dificuldade	Trapaga	O coelho fingiu-se doente no dia do pagamento da dívida	O coelho no dia combinado fingiu-se doente. E como não tivesse dinheiro levou o leão a um lugar onde este podia comer muitos animais
Resolução	Triunfo	O leão comeu muitos animais e por isso não puniu o coelho	Chegaram ao sítio e o leão fingiu-se morto. Os outros animais aproximaram-se e foram devorados, escapando assim o coelho à morte certa
Situação final	Premiação	A dívida ficou perdoada e restabeleceu-se a amizade entre o leão e o coelho	O leão perdoou a dívida do coelho e daí em diante o coelho e o leão ficaram muito amigos

I. CONCLUSÃO

Na presente conclusão vamos ter em conta a natureza do trabalho que estamos a levar a cabo- Trabalho de Projecto.

Num texto intitulado "TRABALHO DE PROJECTO", Lourenço do Rosário¹² refere que " O Trabalho de Projecto é um exercício metodológico que não deve substituir-se à pesquisa em si nem deve ser confundido com a pesquisa ela própria." E ainda com ele, que " A conclusão do trabalho de projecto deve prever os anexos e indicar a bibliografia básica, bem como o cronograma da pesquisa."

Se por um lado está já assegurada a satisfação destas exigências, por outro, importa reflectirmos sobre o trabalho até aqui realizado, tendo em mente os objectivos que nos guiam: a metodologia aplicada, as hipóteses levantadas e a análise de dados.

Partimos para este trabalho procurando isolar e descrever Uma possível relação entre a natureza mórfica dos heróis espertos-vitoriosos e a do prémio/benefício que os mesmos usufruem no final da história. Antes, porém, procuramos identificar, descrever e classificar as estratégias de que os referidos heróis espertos-vitoriosos se servem para vencer os outros personagens ou sair vitoriosos das situações em que se envolvem. Servimo-nos deste exercício não como um fim em si, mas como meio de satisfação de outras tarefas.

¹² ROSÁRIO, Lourenço da Costa; Trabalho de Projecto; Maputo, 1995.

Como hipótese prevíamos que conforme os heróis fossem humanos ou animais do mato iriam usufruir diferentes prémios|benefícios e que essa distribuição seria regular e constante.Em todo o caso,e como ponto de interecessão,procurando simultâneamente uma generalização:uns e outros seriam agraciados com casamento com a rapariga mais bonita da região onde a acção tem lugar.Os heróis espertos-vitoriosos não humanos,prevíamos,poderiam beneficiar,como recompensa ou conquista,de bens materiais e ,principalmente, da amizade daquele que fora antes seu antagonista ou vítima de ciladas.

Com efeito,em muitas histórias com que laboramos o herói esperto-vitorioso não humano típico é pequeno e fraco, pelo que à partida se apresenta em desvantagem no mundo da selva. Não poucas vezes este tipo de herói,porque mais pequeno e fraco,é vítima potencial de animais maiores.Decorre daqui que se sirva de inteligência|esperteza ciladas,(de)simulações,tramoias e outros expediente desta natureza,para compensar a desvantagem natural que possui.Nas histórias em que a situação inicial apresenta desequilíbrio (o coelho estava aflito, precisava de dinheiro e foi pedi-lo ao Leão,por exemplo) o seu restabelecimento na situação final-passa por um pacto de aliança, do tipo " a partir daquele dia o coelho e o leão tornaram-se muito amigos".Ora, esta é sem dúvida a mais importante constatação que podemos fazer neste trabalho,confirmando assim a suspeita que nutriámos inicialmente.Este tipo de situação final, porém, parece ser refém das narrativas em que na situação inicial o personagem

que mais tarde se torna herói aparece explicitamente em situação de carência. Desta maneira, todo o seu (dele) investimento ao longo da intriga visa "saldar" uma dívida ou repor algum equilíbrio, pelo que a amizade (benefício) que merece, assume-se como o único prêmio logicamente possível.

Já nas histórias em que aparecem animais do mato e humanos em convívio, sendo aquele o coelho- ou um animal com as mesmas atribuições e papel na estrutura da narrativa-, a vitória é recompensada através da oferta de uma rapariga em casamento, bens materiais, etc. Este tipo de finalização, parece ser o desfecho natural de uma situação em que o futuro herói entra na história em situação positiva ou de vantagem, pelo que o resultado da sua acção vitoriosa tem de ser qualitativamente superior relativamente ao da situação descrita anteriormente.

Nas histórias em que o herói (esperto-vitorioso) é humano, o qual vale-se da sua esperteza|desonestidade para intrujar outrens, na situação inicial já há indicações sobre o prêmio ou benefício que vai colher, porque o anuncia expressamente (Vide narrativa nº7). Naquelas em que o herói pautava por um comportamento honesto, em que utiliza a esperteza (com uma dose larga de heroísmo) para resolver problemas, punir, reconhecer algum culpado, etc, é quase implicativo que a pessoa ou ser por ele ajudado vai recompensá-lo com bens valiosos, casamento, e coisas similares. Importa acrescentar que este tipo de herói em certos casos serve-se de um auxiliar mágico para concretizar os seus intentos.

De forma o mais objectiva possível procuramos ao longo

desta última parte do nosso trabalho responder as inquietações com que nos debatíamos no início deste empreendimento, nomeadamente:

1. compreender (identificar, descrever e classificar) as possíveis relações que poderiam existir entre as naturezas mórficas dos heróis espertos-vitoriosos e dos prémios que lhes são atribuídos no final da história e
2. sistematizar tal ocorrência

Mas porque julgamos que estas constatações não são definitivas, e passíveis, portanto, de enriquecimento, somos de recomendar uma exploração mais exaustiva para que se descreva, pois, com mais propriedade, mais profundidade, o tipo de prémio que os contadores de história "atribuem" a um certo herói e não ao outro de natureza mórfica similar ou diferente. Será por mero capricho? Terá alguma motivação cultural? Ou é o resultado lógico de uma estruturação de narrativas com as características dos textos que seleccionámos? Ou simplesmente não tem nada relacionado com as perspectivas que temos vindo a abraçar, mas com outras coisas? Por certo, haverá outras formas de problematizar a mesma questão, o que poderá também desencadear diferentes abordagens e, como disso consequência, muito provavelmente, novos resultados.

VII. RESUMO DAS NARRATIVAS

NARRATIVA Nº 1

A HIENA E O COELHO

Esta história passa-se no tempo da fome. Na altura o coelho e a hiena eram muito amigos. Como não tivessem o que comer, o coelho sugeriu que comessem as suas mães. A hiena foi a correr para casa e comeu a mãe dele. O coelho, por sua vez, pensou: chi. Se eu comer a minha mãe quem vai tratar de mim quando eu ficar doente? O melhor que tenho a fazer é escondê-la em algum sítio e fingir que já a matei.

Quando se encontraram, a hiena contou ao amigo como a tinha morto e como lhe soube bem a carne dela. Por seu lado o coelho disse quase a mesma coisa.

Todos os dias de manhã o coelho despedia-se da amiga dizendo que ia aliviar-se do que comera no dia anterior. Mas como de cada vez que o coelho assim procedia levava muito tempo, a hiena começou a desconfiar de alguma coisa e perguntou ao amigo a razão da demora: "Sabes, amigo: ando com uma grande diarreia." A hiena nada disse mas não acreditou na história do coelho, por isso resolveu segui-lo. Foi assim que a hiena descobriu que o coelho traíra-a, pois não matara a sua mãe. No dia seguinte, a hiena, fazendo-se de coelho conseguiu que a mãe deste lhe abrisse a porta da toca onde estava escondida e devorou-a num ápice. Quando o coelho soube do sucedido, jurou vingar-se da hiena.

Um dia, andava o coelho passeando pelo mato quando encontrou o leão. O leão chorava. "Por que choras, amigo leão?" Perguntou o coelho. "Alguém comeu os meus filhotes", respondeu o leão. "Não sabes quem foi que te fez isso?" perguntou o coelho, que acrescentou logo a seguir - é claro que foi a hiena -. Rapidamente o coelho explicou ao leão como poderia vingar-se da hiena. O leão deveria enterrar-se na areia, deixando apenas de fora os olhos e os dentes. Feito isto, o coelho foi convidar as hienas para que fosse ajudar-lhe a comer a carne de um animal muito grande, pois ele sozinho não conseguiria. Chegando ao local, as hienas começaram a cantar e a dançar. O leão preparava-se então e, de um salto, atirou-se às hienas matando-as à patada. Nesse dia, o leão devorou uma grande parte da carne que tinha e guardou a restante. Desta maneira o coelho vingou-se da hiena que lhe matara a mãe, servindo-se do leão.

A partir daí, o leão e o coelho ficaram grandes amigos, e o leão prometeu ajudar o coelho em momentos de dificuldades.

NARRATIVA Nº2

O Coelho e a hiena

O coelho e a hiena eram amigos.

Um dia, a hiena que estava a passear sozinha, passou por uma povoação e viu algumas raparigas a pillar. Entre elas havia uma muito bonita e que se chamava Cípha Dzuwa.

A hiena disse: "És muito bonita, casa comigo". A rapariga respondeu: "Primeiro tens que falar com os meus pais, traz o teu padrinho . E caso contigo".

Entretanto, o coelho, que pouco depois passou pela mesma povoação, apaixonou-se pela mesma rapariga. "Casa comigo" disse-lhe o coelho. "Não posso, já dei a minha palavra à hiena. Ela vem apresentar-se aos meus pais", respondeu a rapariga. O coelho começou a soltar grandes gritos e a rebolar-se no chão, riu e zombou da rapariga: "Não compreendo nada, então tu tão bonita que és, casas com um qualquer ? Não sabes que a hiena é meu serviçal e serve-me de cavalo quando entendo ?" "Não acredito, apresenta-me provas" pediu a rapariga, humilhada e espantada.

Quando o coelho se encontrou com a hiena, nada disse. Esta, porém, estava feliz e pediu ao amigo para ser padrinho no dia da apresentação aos pais. O coelho fingiu: "Não sei amigo, é que não ando lá muito bem. Além disso piquei-me num pé e não consigo caminhar longas distâncias". A hiena ofereceu-se logo cheia de boa vontade: "Não faz mal, eu carrego-te às costas, o que eu quero é que vás apersentar-te aos pais da Cípha Dzuwa". Mas o coelho insistiu: "Tu andas muito depressa, tenho receio que me deixes cair. só se permitires que te ate uma corda ao teu pescoço". A hiena estava por tudo naquele momento. Aceitou.

No dia combinado, lá foram os dois, o coelho no dorso do amigo e com as mãos na corda. Quando chegaram à povoação, o coelho começou a fazer manobras como se estivesse montado num cavalo e logo que viu a rapariga começou a gritar : " Corre depressa aí está a nossa amiga". A hiena, que não tinha percebido ainda o que o coelho estava a fazer, correu mesmo. Ao chegarem ao pé da rapariga o coelho saltou para o chão e disse-lhe: "estás a ver como eu tinha razão ? A hiena é ou não meu servidor fiel?" Esta apercebeu-se então do que estava a passar-se e ficou de tal maneira envergonhada que fugiu para bem longe. E o coelho casou com a Cípha Dzuwa.

NARRATIVA Nº3

LEÃO - O CONHECIDO CÃO DO COELHO

Era uma vez um leão.

O leão andava muito esfomeado. Há muito que não comia. Um dia, o leão encontrou o coelho. O coelho ficou muito admirado por encontrar o leão, o rei dos animais, a alimentar-se de capim." Como capim porque nada mais tenho para comer" - explicou o leão.

"Eu sei onde há animais", disse o coelho. "Eu vou levar-lhe a esse sítio mas apenas numa condição", acrescentou o coelho. O coelho explicou ao leão que este devia portar-se como o seu cão, a fim de não assustar os animais da aldeia para a onde iam. Depois de muito terem andado, o leão e o coelho chegaram finalmente a uma aldeia onde havia todo o tipo de animais. Os animais da aldeia ficaram muito assustados ao verem o leão. O coelho explicou-lhes que o animal que ele levava era um cão. Um cão que fora comprar à uma aldeia distante. Os animais da aldeia engraçaram-se muito com o "cão" do coelho, fizeram-lhes festas no focinho e tudo mais.

No dia seguinte, o leão voltou à aldeia, e como os animais não desconfiassem dele, aproximaram-se para brincar com ele. Num instante, o leão distribuiu patadas por todo o lado, matando os animais que bem mais queria. Comeu quanto pôde e guardou o resto.

A partir desse dia o coelho e o leão tornaram-se grandes amigos.

NARRATIVA Nº4

O COELHO E O LEÃO

Há muito, muito, tempo, o coelho e o leão eram muito amigos. Um dia, o coelho precisava de dinheiro e não sabia a quem pedir. Lembrou-se então do seu amigo leão. O coelho foi a casa do leão e pediu-lhe dinheiro emprestado." Eu sei que nós somos muitos amigos; mas também toda a gente sabe que és muito aldrabão. Por isso, mesmo que pudesse, não te vou ajudar" - Disse o leão. Mas o coelho tanto insistiu, alegando que tinha a irmã doente e que depois que tivesse resolvido o infortúnio, faria logo a devolução do dinheiro. Caso não o fizesse o leão podia comer-lhe e à sua família.

Passados os meses combinados, e como o coelho não devolvesse o dinheiro, o leão enviou o seu sobrinho para fazer a cobrança. Quando o sobrinho do leão chegou à casa do coelho, este fingiu-se doente e começou a contorcer-se de dores. "Tio coelho - disse o sobrinho do leão - o meu tio mandou-me vir

perguntar quando é que havia de lhe devolver o dinheiro que lhe deve." O coelho no meio de queixumes respondeu dizendo que nada podia fazer, pois depois da irmã ele também ficara doente, mas que logo que ficasse um pouco melhor faria um esforço para arranjar o dinheiro.

Muitos tempo passou sem que o coelho se anunciasse. Um dia, o coelho fez-se à casa do leão. Ali chegado, o coelho tentou desculpar-se, mas o leão que já o conhecia não quis ouvir as desculpas do amigo, avisando-o de que conforme o combinado, podia comê-lo à qualquer altura, pois começavam a escassear bichos na região. "Afiml o seu problema é fome? Eu conheço um lugar aqui perto, que é o sítio para onde fugiram todos os animais desta região que tinham medo de si" disse o coelho, que se propôs acompanhar o leão, como pagamento da dívida. Mas para que os bichos não se assustassem e fugissem com medo do leão, este devia deitar-se de barriga e focinho para o ar, fingindo-se morto. Só assim os outros animais não ficariam assustados. No dia seguinte, e conforme o combinado, o leão deitou-se de barriga para o ar, fingindo-se morto. Os outros animais ao verem o leão naquela posição ficaram muito satisfeito e puseram-se a festejar o facto. de repente, o leão levantou-se e espalhou-se patadas por todo o lado, matando muitos animais. Desde esse dia até hoje, o leão e o coelho voltaram a ficar muito amigos e a dívida ficou-lhe perdoada.

NARRATIVA Nº5 **OS MACACOS E O COELHO**

Era uma vez o coelho e os macacos.

O coelho e os macacos viviam na mesma casa. Quando chegou o tempo da fome combinaram procurar comida. Mas o coelho recusou-se acompanhá-los, dizendo que a mulher sabia como ia alimentá-lo. Os macacos partiram e o coelho ficou.

Os macacos andaram, andaram, andaram até que chegaram a uma aldeia onde havia comida. Escolheram o que queriam e voltaram para casa.

Já próximos da casa os macacos sentiram-se cansados e resolveram descansar. Descarregaram a bagagem que levavam, sentaram-se e puseram-se a conversar animadamente. O coelho, escondido perto do local pegou um batuque e em chocalhos e pôs-se a tocar. Os macacos ouviram a música e começaram a dançar. Já animados, os macacos foram ao mato e arranjam mais cabaças com chocalhos para acompanhar a música. O coelho saiu então do seu esconderijo e, aproveitando-se da ausência dos macacos, levou a comida que traziam e fugiu.

Quando os macacos voltaram ao lugar onde tinha deixado a bagagem deles, ficaram muito admirados por não ouvirem a música. Tentaram dançar a ver se pelo menos o batuque sentisse pena

deles e voltasse a fazer-se ouvir. Mas em vão. Decidiram ir embora. Foi então que deram pela falta da comida. Procuraram por todo o lado, mas a comida não aparecia. "Isto só pode ser obra do coelho. Afinal ele foi o único que se recusou a ir procurar comida conosco". Disse um dos macacos. Todos zangados, decidiram ir a casa do coelho. Quando lá chegaram, os macacos e o coelho puseram-se a discutir. E como já era noite decidiram pernoitar em casa do coelho para no dia seguinte irem procurar a sabedoria e o juízo do leão. Mas antes de dormirem, o coelho disse que quem defecassem durante o sono, tinha sido ele quem teria roubado a comida.

O coelho mandou a esposa cozinhar feijão verde e, enquanto os macacos dormiam, esfregou no traseiro de cada um deles as cascas do feijão. Na manhã seguinte, e a medida que os macacos iam acordando descobriam muito admirados e envergonhados que tinham defecado. Confundidos, os macacos nem esperaram pela ida a casa do leão e fugiram dali em debandada. Desta maneira, o coelho ganhou a razão e ficou com a comida graças a estupidez e ingenuidade dos macacos.

NARRATIVA Nº 6 O Coelho e o Leão

O coelho e o Leão eram amigos.

Um dia o leão foi a casa do coelho para o convidar a acompanhá-lo a casa dos futuros sogros como seu ajudante.

No fundo, o que o leão queria era humilhar o coelho e acabar de uma vez para sempre com as suas malandrices. O coelho aceitou ir com ele.

No dia combinado, partiram os dois. A meio caminho, disse o leão apontando para as folhas de um arbusto: "Olha, amigo coelho, se por acaso, durante a refeição, eu me queimar com a comida e gritar por remédio, já sabes, vens a correr e colhe o que te pedir deste arbusto". O coelho, sem se perturbar, disse que sim. No entanto tratou de se prevenir porque lhe cheirou logo a armadilha. Deixou cair uma faca e continuou a viagem com o amigo. Já as casas estavam à quando o coelho exclamou: "Oh! Mas eu não trago aqui a minha faca. Voltemos para procurá-la". Ele sabia que o leão não aceitaria a ideia de ter que voltar só para procurar por uma faca. "Vai sozinho. Não estou para perder tempo indo procurar por uma faca que não se sabe onde a perdeste" respondeu-lhe o leão. O coelho queria exactamente aquilo. Correu logo e foi para junto do arbusto. Cortou folhas, raízes, parte do tronco. Secou algumas folhas, fumou outras e o mesmo fez com o caule e as raízes.

Quando chegou a casa, encontrou o leão a conferenciar com os futuros sogros mais a rapariga pretendida. O coelho chegou a tempo de ouvir o pai da rapariga dizer: "Não pense senhor leão

que é o único. Por isso eu darei a minha filha ao pretendente que demonstrar maior esperteza. O tempo que ficar cá há-de estar em constante prova".

Durante o almoço, o leão começou a gritar: " Salva-me amigo". O coelho, percebeu logo o que o leão queria, correu e foi buscar tudo quanto tinha trazido do arbusto. Apresentou primeiro as folhas. O leão pediu: " Quero-as fumadas, trouxeste verdes, não prestão". O coelho apresentou de imediato as folhas fumadas. O leão percebeu que o coelho não tinha caído na armadilha, mas experimentou pedir cinzas do caule do arbusto. O coelho trazi-as. O leão pediu raízes cortadas às rodelas. O Coelho trazi-as. Ao fim e ao cabo, o coelho trazia tudo quanto o leão quis pedir. Não teve outro remédio senão fazer um chá com tudo aquilo e tomá-lo. Enquanto isso, o coelho saboreava a comida dos dois.

À noite, a mãe da rapariga apresentou uma boa esteira e uma casca de árvore. O coelho que sabia que aquilo fazia parte das provas para casar com a rapariga, aceitou logo a casca de árvore, pensando o leão que aquele gesto era de respeito para com ele. O leão disse para consigo: " Ainda bem que o miúdo aceitou a casca de árvore, assim não se discute quem vai dormir na esteira...".

Durante a noite, enquanto dormiam a esteira onde se encontrava o leão foi-se transformando em cordas que se enrolavam no leão, manietando-o totalmente. O coelho, esse, dormia profundamente na sua casca de árvore.

No dia seguinte o leão acordou redicularmente amarrado e envergonhado com a figura que estava a fazer perante a sogra, fugiu para não voltar. O coelho foi recebido como genro e casou com a rapariga.

NARRATIVA N°7 **FALAKOMIGO - O ALDRABÃO**

Era uma vez um homem chamado Falakomigo.

Um dia Falakomigo decidiu ficar rico, ganhando dinheiro de aldeia em aldeia por onde passasse. Chegou a uma loja da aldeia vizinha e disse aos presentes que estava a vender um chapéu: " Eoo, este chapéu não é de brincadeiras... ele faz tudo que as pessoas pedirem..." O cantineiro perguntou quanto era e comprou o chapéu. O cantineiro ordenou que o chapéu fizesse surgir ali mesmo uma loja grande e bem apetrechada. Mas o chapéu nada fez.

Na aldeia seguinte, Falakomigo vendeu uma cauda mágica de elefante que bastava estala-la que imediatamente apareciam muitos bois. As pessoas compraram a cauda, mas cada vez que a manuseavam, apenas a poeira é que se fazia sentir. Nas aldeias

seguintes, Falakomigo vendeu muitos outros objectos mas nenhum deles fazia magia.

Depois de intrujar muitas pessoas, Falakomigo decidiu voltar à sua aldeia. Mas antes, também decidiu vender a bengala que levava. Três homens que ali perto olhavam para ele, aproximaram de Falakomigo e disseram: " Olha Falakomigo, nós estamos fartos de ti, já vendeste chapéus, casacos, anéis e outras coisas que não faziam magias nenhuma. Por isso tens de pagar uma multa." Como Falakomigo já não tivesse dinheiro, os homens decidiram atira-lo ao rio. Puseram Falakomigo num saco, mas quando chegaram às margens, descobriram que não tinham pedras para fazer peso. Saíram os três homens e foram a procura de pedras.

De dentro do saco, Falakomigo apercebeu-se da presença de um jovem que pescava ali perto e chamou-o: "Sabes jovem, estes homens estão a obrigar-me a ser chefe; quer dizer, quem é atirado a água nestas condições, aparece na outra margem como chefe da aldeia... mas como eu tenho muita riqueza não quero ser chefe; não queres ficar no meu lugar? "O jovem ficou muito entusiasmado e pos-se no saco, no lugar de Falakomigo. Quando os homens voltaram com a pedras trataram logo de as amarrar ao saco e atira-lo para o meio do rio.

No dia seguinte, os homens ficaram muito espantados porque encontraram Falakomigo sentado à sombra da casa fumando um cachimbo. Falakomigo explicou aos homens que afinal naquela zona do rio havia muitos cabritos e que foram tais cabritos mas os cabritos dele que o haviam devolvido à terra, razão pela qual ele tinha mais cabritos do que nunca. Os homens pediram que Falakomigo lhes amarrasse e os lançasse ao rio para também terem muitos cabritos.

NARRATIVA Nº 8
O COELHO E O ELEFANTE

O coelho e o elefante eram muito amigos. Um dia, o coelho pediu emprestado ao elefante um galo para reprodução. O elefante foi a sua capoeira e deu emprestado seu galo mais forte ao seu amigo coelho. Depois de uma temporada, a capoeira do coelho estava recheada de muitos pintos, estando a criação a crescer a olhos vistos. Assim, o coelho achou ter chegado a altura para devolver a o galo pedido emprestado ao elefante. Nesse dia, o coelho acordou muito cedo, pegou no galo do elefante e em mais uma galinha para agradecer o gesto do elefante. " O quê! Só me trazes uma galinha, enquanto se hoje a tua capoeira está cheia é graças ao serviço do meu galo?". Indignou-se o elefante: " eu quero metade da tua criação porque ela é produto do meu galo". O coelho achou-se injustiçado e foi queixar-se ao rei leão. A resolução do problema foi marcada para daí a dois meses. No dia marcado, o coelho atrasou-se a chegar, alegando que o pai estava

a sentir-se mal, dado que estava em avançado estado de gravidez. Todos os animais presentes ficaram espantados com a justificação do coelho. " Por que é que se riem? Nunca viram um homem dar à luz?" O rei leão achou que o coelho tinha enloquecido. " Mas como queres tu que acreditemos que o teu pai esteja a espera de um bebé ?" Perguntou o leão. " E como querem vocês acreditar que os pintos que tenho em casa sejam produto do galo do elefante? Algum dia um galo chocou ovos?.- retrucou o coelho. Diante de tal argumento, o rei leão nada mais vez senão dizer que o elefante não tinha razão.

NARRATIVA Nº9
O COELHO E O MACACO

O coelho e o macaco eram muito amigos. Um dia o macaco convidou o coelho a sua casa para um almoço de compadres. Quando o coelho chegou à casa do macaco, este estava a lavar a roupa e a cozinhar. O macaco pediu então ao coelho que ficasse a controlar a lenha com que cozinha enquanto se despachava na lavagem da roupa. Mais tarde, ao espreitar para a panela, o macaco gritou, muito zangado: "compadre coelho: pedi-te para controlares a panela e não para me roubares os ovos que estou a cozinhar". O coelho tanto se desculpou mas o macaco não quis ouvir fosse o que fosse. Pelo que meteu queixa, dizendo que o coelho lhe roubara ovos prestes a chocar que estavam na panela. No dia do julgamento, o coelho chegou duas horas depois da hora marcada. " Desculpe, senhor leão. Se atrasei é porque estava a cozinhar as minhas sementes de feijão, pois vou a machamba semeá-las depois de amanhã. O rei leão percebeu logo a ironia do coelho, pois, se as sementes de feijão não se cozinham, ovos para chocar, também não. Assim, o macaco foi obrigado a pagar uma multa, por ter acusado falsamente o coelho.

NARRATIVA Nº10
O COELHO E A GAZELA

O Coelho e a gazela eram muito amigos. Um dia, o coelho convidou a gazela a visitá-la. Já em casa do coelho, este sugeriu à gazela que experimentassem uma brincadeira que aprendera na terra da hiena. O primeiro a jogar seria o coelho, para mostrar ao amigo como se fazia. O coelho acendeu lume e pôs a água a ferver, enquanto conversavam. Nesse entretanto a água ferveu e arrefeceu. Depois o coelho entrou lá para dentro. O jogo era para ver quanto tempo cada um podia aguentar dentro de uma panela com água quente. A seguir foi a vez da gazela. A gazela entrou para a panela e o coelho acendeu o fogo. Depois de algum tempo, a gazela morreu. O coelho pegou na sua carne e pôs a secá-la. Pegou depois nos chifres, poliu-os e fez uma espécie de trombeta. Por causa da sua distração e burrice, a gazela morreu, entrando sozinha para uma panela.

VIII. BIBLIOGRAFIA

- ALTUNA, Raul R. Asúa; Cultura Tradicional Banto; Secretariado arquideocesano de Pastoral; Luanda; 1985
- AMARAL, Wanda; Guia para apresentação de Teses, dissertação e trabalhos de graduação; UEM; Maputo; 1985
- BARTHES, Roland; BREMOND, Claude et al; Análise Estrutural da Narrativa; Editores vozes do sul; Rio de Janeiro; 1976
- Colectâneas de contos publicados por um grupo de seminaristas de origem sena na altura residentes em Lourenço Marques
- Contos Moçambicanos; INLD, 1978/9
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan; Dicionário das ciências da linguagem; Lisboa; 1989
- GIL, António Carlos; Metódo e técnicas de pesquisa social; Ed. Atlas; São Paulo; 1989
- JUNOD, Henri-Alexandre; Cantos e Contos dos Rongas; Ed. Instituto de investigação Científica de Moçambique; Lourenço Marques; 1975
- MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro; Contos de África-escritos por mulheres; Évora; 1994
- MENDES, Orlando; Sobre a literatura moçambicana; INLD, Maputo; 1980
- MENDONÇA, Fátima; Literatura Moçambicana- A história e as escritas; Faculdade de letras e Núcleo Editorial da UEM, Maputo; 1989
- PROPP, Vladimir, A morfologia do conto; Lisboa, 1985
- RITA-FERREIRA, António; Povos de Moçambique- História e cultura; Porto, 1975
- ROSÁRIO, Lourenço da Costa; A narrativa Africana de expressão oral; Luanda; 1985
- ROSÁRIO, Lourenço da Costa; Trabalho de Projecto; Maputo, 1995
- Seminário sobre a Padronização da Ortografia de línguas moçambicanas; NELIMO-Faculdade de Letras- UEM; Maputo; 1989